

EXPORTAÇÕES E HABILITAÇÕES DE CARNE DE FRANGO AO MERCADO INTERNACIONAL: um estudo da mesorregião oeste do Estado do Paraná¹

Edson Antonio Deliberali²

Giomar Viana³

Jefferson Ramundo Staduto⁴

Rúbia Nara Rinaldi⁵

1 - INTRODUÇÃO

A cadeia de produção de carne de frango passou por grandes transformações nos últimos anos, principalmente em razão da abertura da economia brasileira ao comércio internacional, da estabilização da economia e das grandes mudanças tecnológicas inseridas na cadeia. Tais modificações impactaram no processo produtivo, que passou a competir com padrões internacionais, tornando-se cada vez mais eficiente, tanto no aumento da sua produtividade quanto na qualidade do produto.

De acordo com Paula e Favaret Filho (2003), há 25 anos o setor brasileiro de carne de frango vem crescendo e se desenvolvendo, o que possibilitou o fortalecimento de vários elos produtivos, como cultivo até a transformação de grãos, alojamento de matrizes e pintainhos, abate de aves, transporte e estocagem, melhoramento da genética, entre outros. Ressalta-se que a carne de frango foi popularizada e disseminada para vários destinos consumidores internos e externos do País e, hoje, é considerada um dos produtos mais importantes para o aumento da balança comercial brasileira.

A evolução da cadeia de produção de

frango, segundo Vieira Júnior; Lima; Belik (2006), está ligada ao avanço tecnológico e principalmente à criação na esfera industrial o que, por consequência, marginalizou a denominada avicultura tradicional. Para Sorj; Pompermayer; Coradini (1982), o marco inicial da avicultura comercial ocorre na década de 1950, quando começa a ser substituída a antiga avicultura comercial, estabelecida nos anos 1920 e 1930.

Vieira Júnior; Lima; Belik (2006) apontam ainda que nos últimos 30 anos grande parcela do setor avícola melhorou tanto em termos de qualidade quanto em produtividade, principalmente em função da modernização ocorrida no setor, passando o frango a ser vendido em diferentes cortes e processados nas grandes redes de supermercados para um público de classe média, sendo que, no decorrer do tempo, passou a ingressar no consumo popular.

Para os autores, outro fator de destaque é o forte aumento das exportações de carne de frango, iniciado na década de 1970, tomando o País um dos maiores produtores e exportadores de carne de frango do mundo. Atualmente, segundo a United States Department of Agriculture (USDA), o Brasil é o produtor que possui o menor custo de produção de carne de frango do mundo (VIEIRA JÚNIOR; LIMA; BELIK, 2006).

Ainda, de acordo com Donda Junior (2002), o desenvolvimento da produção de frango é considerado o ícone do crescimento e modernização do agronegócio no Brasil, abrangendo os três elementos mais importantes no cálculo econômico do capitalismo em sua configuração atual: tecnologia de ponta, eficiência na produção e diversificação no consumo.

Nos anos recessivos da década de 1980, a produção de aves cresceu cerca de 10% ao ano, principalmente em virtude dos ganhos de produtividade e redução de custos por meio da atualização e aplicação de novas tecnologias na cadeia, tornando o produto competitivo no mer-

¹Registrado no CCTC, IE-101/2009.

²Administrador, Professor da Faculdade Assis Gurgacz (e-mail: seg.cia@bol.com.br).

³Economista, Mestre, Agente Universitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste/Unicentro (e-mail: gviana@unicentro.br).

⁴Engenheiro Agrônomo, Doutor, Professor do curso de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Unioeste/Campus de Toledo, Bolsista CNPq (e-mail: staduto@unioeste.br).

⁵Bacharel em Secretariado Executivo, Doutora, Professora do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio e Desenvolvimento Regional, Docente Adjunto do Curso de Secretariado Executivo da Unioeste/Campus Toledo (e-mail: rubia@unioeste.br).

cado interno, em relação a produtos substitutos, e no mercado externo. Em 1990, por exemplo, o valor destinado à compra de 1 kg de carne bovina poderia comprar 2,5 vezes mais de carne de frango do que em 1970.

Com a abertura comercial ocorrida no período de 1990, a desregulamentação de várias cadeias produtivas, a implantação do Mercado Comum do Cone Sul (MERCOSUL) e o início da estabilização da economia advinda do Plano Real, ocorreu um processo de transformação na cadeia de produção do frango, a qual passou a explorar novos mercados, novas nações, demandando maior tecnologia. Percebe-se que o setor da avicultura tem aumentado a produção anualmente, reflexo, principalmente, da reestruturação dos produtores de frango e dos abatedouros, que passaram a explorar novos mercados e dinamizar sua produção.

Diante desse contexto, este trabalho tem por objetivo analisar a evolução das exportações de carne de frango no período 1996 a 2006, com o intuito de verificar a tendência na diversificação de destino e *mix* de produtos exportados nos abatedouros de frango da Mesorregião Oeste do Estado do Paraná, bem como avaliar se tais frigoríficos estão preparados para essa nova tendência de demanda.

Do ponto de vista metodológico, utilizou-se a análise estatística descritiva a partir de dados secundários referente ao setor avícola brasileiro que foram obtidos junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), com acesso ao sistema de informação específico, o Sistema de Informação do Serviço de Inspeção Federal (SIGSIF). Com essa fonte de dados foi possível obter informações sobre as plantas frigoríficas da região selecionada para o estudo que estavam habilitadas para exportar seus produtos para determinado destino.

Os produtos em análise foram divididos em: frango *in natura* (frango inteiro) e miúdos, industrializados ou empanados e laboratoriais. Para uma planta abatedoura conseguir exportar é necessário que o produto seja aprovado antes pelo MAPA, dentro de legislação conveniente para cada destino. Por isto, considerando que a planta do abatedouro já tem a habilitação de determinado produto para exportar para determinado país ou região, os destinos foram classificados da seguinte forma: **Lista Geral**, que engloba a maioria dos países e refere-se a uma aprovação concedida

pelo ministério em que a planta abatedoura habilita seus produtos mediante um padrão, sem exigências específicas para os destinos; **Lista Especial**, se refere a alguns países que mesmo participando da lista geral exigem alguma forma de habilitação diferenciada (uma auditoria, um selo lacre, uma etiqueta, entre outros) e **a habilitação para a União Europeia**, que requer um procedimento e fiscalização mais rigorosos.

Quanto ao volume de exportações de carne de frango foram utilizados os dados do Ministério da Indústria, Desenvolvimento e Comércio (MDIC), a partir do acesso ao sistema Aliceweb, que disponibiliza um banco de dados das exportações dos referidos produtos (MDIC, 2007).

Nesse sentido, este artigo se inicia com uma análise sobre a evolução da produção mundial do produto, caracterizando: exportação, importação, consumo e os países envolvidos que mais se destacam em relação a essa cadeia produtiva. Posteriormente, são identificados os frigoríficos de abate de frango que compõem a mesorregião Oeste do Paraná, de maneira a demonstrar a forte concentração de produção. Por fim, é feita uma análise em relação à produção brasileira de carne de frango inteiro, em pedaços e industrializados, destacando os frigoríficos que estão preparados para atender a esse novo comportamento de demanda, bem como os mercados em destaque no cenário mundial para a carne de frango brasileira.

2 - CENÁRIO COMPETITIVO DA AVICULTURA INTERNACIONAL

A avicultura de corte brasileira se destaca no agronegócio como uma das mais competitivas do mundo. Segundo a União Brasileira de Avicultura (UBA, 2009), em 2008, foram produzidas 10,97 milhões toneladas de carne de frango no Brasil, saldo 7,03% superior em comparação a 2007, o que fez com que a carne de frango se tornasse a principal fonte de proteína animal, com consumo per capita anual de 38,9 kg. Entretanto, é importante observar que a competitividade internacional pressiona a produção nacional e, especificamente, a da região oeste do Paraná. Buscando compreender esses aspectos, desenvolveu-se neste artigo uma breve abordagem teórica apresentando os principais conceitos de competitividade e uma discussão do cenário mundial do mercado de frango de corte.

2.1 - Uma Análise sobre Competitividade

A discussão sobre estratégia e competitividade se direciona cada vez mais para um cenário de avanço dos limites geográficos e a participação da competição a partir de redes. As empresas tendem a fazer parte de uma cadeia mundial, rompendo as barreiras geográficas para crescer e sobreviver diante da concorrência, e para isso precisam ser competitivas (SILVA, 2007).

Assim, cabe pontuar alguns aspectos da vasta literatura sobre competitividade. Muitos especialistas definem a competitividade como elemento ligado às características da firma ou produto, sendo essas características relacionadas com o mercado e a eficiência desempenhadas por essas empresas. Para outros, o desempenho é privilégio, sendo a competitividade um resultado medido pela participação de mercado (*market share*) alcançada por uma empresa ou um conjunto delas. Existem ainda especialistas que comparam a competitividade à eficiência, avaliando os dados pelos coeficientes técnicos (de insumos, produto, entre outros) (COUTINHO; FERRAZ, 1995).

Ferraz; Kupfer; Haguenaer (1997) complementam o assunto ao afirmarem que competitividade é a capacidade com que uma empresa converte insumos em produtos com o máximo de rendimento. Os indicadores para uma análise são buscados em comparativos de custos e preços, coeficientes técnicos ou produtividade dos fatores, em termos, são verificados em práticas na indústria internacional.

De acordo com Silva (2007), a competitividade se conquista a partir da tecnologia, qualidade e produtividade, e as vantagens advindas da mesma são os principais fatores da dinamização e versatilidade do sistema produtivo. O autor destaca ainda que a competitividade não pode ser vista como uma característica interna da empresa, pois ela é oriunda de elementos que ela pode controlar ou não.

Assim, a competitividade de uma empresa depende de como ela consegue interpretar o perfil de sua demanda, retratando em produtos ou serviços, de forma que seus consumidores queiram gastar seu dinheiro.

Resgata-se, ainda, brevemente, o modelo de competitividade de Porter (1991), que apresentou grande impacto nos estudos de competitividade. Segundo Porter (1991), a competitividade é vista como um conjunto de forças existen-

tes em determinado momento e que determinam a rentabilidade da indústria, que são: ameaça de novos entrantes, ameaça de produtos substitutos, poder de negociação dos compradores, poder de negociação dos fornecedores e rivalidade entre os concorrentes. Para esse autor, o objetivo da estratégia competitiva da empresa, em uma indústria, é encontrar uma posição em que possa se defender dessas forças ou influenciá-las a seu favor. Nesse caso, a análise da competitividade possibilita uma posição competitiva, porém, deixa de fora elementos importantes do processo econômico, social e político, adotando uma visão estreita do processo de concorrência.

O mercado internacional mudou significativamente, tanto na absorção de tecnologia quanto na agregação de valor ao cliente final, reflexo disso é o crescimento do consumo mundial de carne de frango por países em desenvolvimento. A competitividade alcançada pelo Brasil é atribuída em grande parte às inovações tecnológicas e organizacionais da cadeia de produção de carne de frango.

Conforme Câmara e Nakazato (2001), no frango de corte, nas décadas de 1950 e 1960, as inovações foram de natureza genética, com o desenvolvimento de espécies de aves híbridas. Entre 1960 e 1970, a inovação foi de ordem sanitária com o desenvolvimento de vacinas e técnicas de profilaxia. Na década de 1970, o avanço foi voltado à nutrição animal. Já na década de 1980 a inovação ocorreu nas técnicas de manejo, através da utilização e instalações de equipamentos. Houve mudanças qualitativas significativas no processo produtivo, as quais estão ligadas à aceleração de incorporação de tecnologia no abate das aves, o que resultou num maior grau de automatização. Ocorreram também modificações ligadas à introdução de novos tipos de máquinas e equipamentos nas etapas posteriores ao abate, tais como: produtos com cortes especiais e industrializados. E, por último, destacam-se as mudanças ligadas à estratégia de inovação de produtos (IPARDES, 2003).

Já a década de 1990 caracterizou-se pelas transformações e controle de natureza ambiental e climatização dos criatórios de aves. Já a partir de 2000, as transformações ocorreram na área de gestão de marketing, envolvendo crescente diferenciação e qualidade do produto (CÂMARA; NAKAZATO, 2001).

Percebe-se que as principais transformações evolutivas estão ligadas à ênfase das

habilidades e competências adquiridas através do movimento de externalização das suas atividades. Houve transformações ligadas à ampliação dos empreendimentos agroindustriais e de serviços, que diversificaram suas atividades e se especializaram em seus mercados principais, estabelecendo melhor relacionamento com fornecedores, distribuidores e clientes.

Aconteceram ainda transformações ligadas à intensificação e consolidação de alianças estratégicas entre empresas concorrentes através de atividades sinérgicas (MATOS; SANTOS JÚNIOR, 1998). Além disso, foi fundamental o sistema de produção por meio de contrato de compra e repasse de tecnologia das agroindústrias processadoras às pequenas propriedades familiares, principalmente na região Sul do Brasil.

2.2 - Cenário Mundial da Produção, Consumo e Comercialização da Carne de Frango

Nesta seção são analisados os principais aspectos relevantes da produção, consumo e comercialização da carne de frango em nível mundial. Assim, na análise das variações ocorridas no mercado mundial em relação à produção, consumo, importação e exportação. Constatou-se que houve um crescimento de aproximadamente 20% na produção mundial entre 2000 e 2006, cerca de 19% no consumo mundial, 31% de aumento nas importações e 33% nas exportações (Tabela 1).

Quanto à produção mundial de carne de frango, destacam-se: os EUA, com participação de 26,9%, a China com 17,2%, o Brasil com 15,5%, a União Européia com 12,3% e o México com 4,3%, totalizando 76% da produção de carne de frango mundial em 2006 (Tabela 2).

Comparando a evolução dos países, entre o período 2000 e 2006, no que se refere à participação na produção mundial, os EUA, a China e a União Européia tiveram uma queda na participação da produção de aproximadamente 0,45 ponto percentual, 1,28% e 2,82%, respectivamente.

Já Brasil e México tiveram aumento em sua representatividade em 3,61% e 0,48%, o que revelou a capacidade do Brasil de aumentar a produção de frango e assumir uma forte liderança no cenário internacional, uma vez que dentre todos os países produtores foi o que mais cresceu

em termos de produção.

Tal expectativa pode ser concretizada a partir dos dados da ABEF (2008), pois em 2007 o Brasil se posicionou como o terceiro produtor mundial de carne de frango, com 10,2 milhões de toneladas, maior exportador, com 45% do mercado internacional, e volume de 3,3 milhões de toneladas. A receita cambial de quase US\$5 bilhões foi 55% superior ao ano de 2006.

Em 2008 a carne de frango teve participação de 2,94% nas exportações totais do País, posicionando-se como o quarto produto em receitas cambiais, superado somente pelo minério de ferro, petróleo e soja.

Quanto ao consumo, a participação dos principais países consumidores de carne de frango, representando cerca de 70% do consumo mundial em 2006, mostra destaque para os EUA, com um consumo de aproximadamente 23,4%, China com 17,6%, Brasil, com 12,5%, países do Bloco da União Européia com 11,2% e México com 5% (Tabela 3).

Comparando a variação da participação mundial do consumo de carne de frango de 2000 a 2006, os EUA mantiveram-se estáveis e a China e o Brasil sofreram uma pequena queda na participação do consumo.

Os países que mais importaram carne de frango em 2006 foram: Rússia, com uma participação total de importações de aproximadamente 24%; Japão, com uma participação de 14%; países membros da União Européia, com 11,6%; Arábia Saudita com 8% e México com 7%. Juntos estes países representaram, no ano de 2006, cerca de 66% das importações mundiais (Tabela 4).

No que tange à variação das participações nas importações de carne de frango mundial, no período 2000 a 2006, destaca-se a União Européia, com a evolução de 4,5% e o México com 1,95%, a redução na participação do Japão, com queda de 3,98%, bem como a Arábia Saudita com cerca 0,4% durante o período analisado.

Já em relação aos principais países exportadores, destaca-se o Brasil, com uma participação nas exportações de aproximadamente 42%, os EUA com cerca de 38%, a União Europeia com 9,5%, a China, com 5%, e a Tailândia com 4%. Juntos, esses países representaram no ano de 2006 um total de 99% das exportações mundiais (Tabela 5).

TABELA 1 - Cenário Mundial da Carne de Frango, 2000-2006
(em mil toneladas)

Ano	Produção	Consumo	Importação	Exportação
2000	50.097	49.360	3.940	4.856
2001	52.303	50.854	4.149	5.527
2002	54.155	52.846	4.443	5.702
2003	54.282	52.903	4.625	6.023
2004	55.952	54.172	4.384	6.055
2005	59.092	57.339	5.063	6.791
2006 ¹	60.090	58.888	5.168	6.470

¹Preliminar.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados obtidos na ABEF (2007).

TABELA 2 - Participação dos Principais Países na Produção Mundial de Carne de Frango, 2000-2006
(em %)

Ano	EUA	China	Brasil	UE	México	Total
2000	27,35	18,50	11,93	15,18	3,86	77
2001	26,83	17,74	12,88	15,07	3,95	76
2002	26,71	17,65	13,88	14,38	3,98	77
2003	27,07	18,23	14,45	13,84	4,22	78
2004	27,32	17,87	15,18	13,63	4,27	78
2005	26,85	17,26	15,57	13,09	4,23	77
2006 ¹	26,90	17,22	15,54	12,36	4,34	76

¹Preliminar.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados obtidos na ABEF (2007).

TABELA 3 - Participação dos Principais Países no Consumo Mundial de Carne de Frango, 2000-2006
(em %)

Ano	EUA	China	Brasil	UE	México	Total
2000	23,25	19,03	14,05	10,35	4,38	71
2001	22,73	18,16	14,47	10,50	4,54	70
2002	23,22	18,06	14,04	10,11	4,59	71
2003	23,70	18,83	13,82	10,85	4,97	72
2004	24,15	18,33	13,44	11,08	5,01	72
2005	23,42	17,59	13,59	11,53	5,01	71
2006 ¹	23,46	17,61	12,57	11,25	5,11	70

¹Preliminar.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados obtidos na ABEF (2007).

TABELA 4 - Participação dos Principais Países nas Importações Mundiais de Carne de Frango, 2000-2006
(em %)

Ano	EUA	China	Brasil	UE	México	Total
2000	23,93	18,30	7,08	8,83	5,79	64
2001	30,87	17,11	4,87	9,62	5,91	68
2002	27,19	16,75	11,25	8,80	6,01	70
2003	23,37	15,03	12,71	9,77	7,31	68
2004	23,18	13,28	10,63	9,79	7,44	64
2005	24,20	14,77	10,31	9,56	7,39	66
2006 ¹	23,99	14,32	11,61	8,40	7,74	66

¹Preliminar.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados obtidos na ABEF (2007).

TABELA 5 - Participação dos Principais Países nas Exportações Mundiais de Carne de Frango, 2000-2006

(em %)						
Ano	EUA	China	Brasil	UE	México	Total
2000	18,68	45,94	15,94	9,56	6,86	97
2001	22,83	45,59	13,14	8,85	7,09	98
2002	28,50	38,23	15,28	7,68	7,49	97
2003	32,54	37,05	13,08	6,44	8,05	97
2004	40,79	35,84	13,43	3,98	3,30	97
2005	41,91	34,75	11,12	4,87	3,53	96
2006 ¹	41,93	37,93	9,58	5,41	4,33	99

¹Preliminar.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados obtidos na ABEF (2007).

Quanto à evolução no período pesquisado, merece destaque o Brasil, uma vez que dentre os países pesquisados foi o único que apresentou crescimento nas exportações de carne de frango, pois cresceu 23,2%, ao contrário do EUA, que reduziu sua representatividade em 8,01%, da União Européia, com queda de cerca de 6,36 p.p. da China, com queda de 4,15%, e da Tailândia, que apresentou uma redução de 2,53%.

3 - EXPORTAÇÃO BRASILEIRA E PARANAENSE

A análise da evolução das exportações de carne de frango do Brasil e do Paraná, levando-se em consideração o tipo de produto exportado: frango inteiro, frango em pedaços e industrializados, para o período de 1996 - 2006, permite identificar o perfil de carne de frango exportada, bem como a influência que a produção paranaense exerce sobre a produção nacional e a variação na demanda por tipo de produto (Tabela 6).

Observa-se que as exportações brasileiras de carne de frango cresceram a uma taxa de 18,6% a.a. no período analisado. O Paraná obteve taxa de crescimento de 17,1% a.a para o frango inteiro, 30% a.a. para o frango em pedaços e 43,0% a.a. para os industrializados no mesmo período. No que se refere à participação no total das exportações, o Paraná cresceu a uma taxa superior a do Brasil, 22,2% a.a. Diante dos dados apresentados, verifica-se uma forte tendência de elevação na exportação de produtos de carne de frango com maior valor agregado, ou seja, dos industrializados.

3.1 - A Mesorregião Oeste do Paraná e a Concentração de Abatedouros de Frango

Segundo o SINDIAVIPAR citado por IPARDES (2007), o abate de frango nas mesorregiões do Paraná está distribuído da seguinte forma: oeste (32,6%), sudoeste (30,1%), norte central (13,6%), metropolitana de Curitiba (8,0%), centro oriental (6,8 %), norte pioneiro (4,8%), e noroeste (4,1%).

De acordo com Dalmás; Staduto; Willers (2007), a mesorregião oeste do Paraná foi cenário de fortes transformações desde sua colonização, ocorrida em 1950, pois foi considerada uma das últimas fronteiras agrícolas do Sul do Brasil, de maneira que a partir do processo de disseminação da modernização da agricultura no País, tal fronteira passou a oportunizar o início do desenvolvimento dos complexos industriais na região. Atualmente, a mesorregião oeste do Paraná agrupa três microrregiões: a microrregião geográfica de Toledo, de Cascavel e de Foz do Iguaçu, totalizando 50 municípios.

Assim, a mesorregião oeste do Paraná destaca-se por ser uma das maiores produtoras de grãos do estado, o que por consequência, têm influenciado diretamente na instalação de grandes complexos industriais na região, como exemplo, os direcionados à avicultura, quer seja no abate ou na industrialização do animal. Ainda, pode-se constatar que essa mesorregião exerce grande influência sobre a exportação paranaense e brasileira, já que em 2002, segundo o SINDIAVIPAR citado por IPARDES (2007), o abate de frango representava aproximadamente 32,6% do abate do estado.

Verifica-se, dessa forma, uma forte concentração da produção de carne de frango na me-

TABELA 6 - Exportações de Carne de Frango *in-Natura*, Peçaço e Industrializado, Brasil e Estado do Paraná 1996-2006

(em 1.000 toneladas)

Ano	Brasil (1.000 kg)	Estado do Paraná (1.000 kg)			Paraná	Part. % ¹
		Frango inteiro	Frango pedaços	Industrializados		
1996	640.808	99.033	47.700	346	147.079	22,95
1997	720.942	77.695	42.186	372	120.254	16,68
1998	630.783	110.357	38.984	414	149.755	23,74
1999	775.283	169.611	69.799	934	240.344	31,00
2000	804.946	177.962	72.189	1.268	251.413	31,23
2001	1.187.588	209.639	111.590	1.917	323.146	27,21
2002	1.404.153	216.505	169.288	1.638	387.431	27,59
2003	1.778.878	262.591	230.155	1.932	494.678	27,81
2004	2.296.842	362.921	315.928	2.670	681.520	29,67
2005	2.885.389	394.380	389.369	7.352	791.101	27,42
2006 ²	2.696.888	345.876	385.839	19.533	751.248	27,86
Tx ³ %	18,6	17,1	30	43	22,2	

¹Participação sobre o total das exportações brasileiras.

²Preliminar.

³A estimativa da taxa geométrica de crescimento, calculada para todo o período, está de acordo com o método dos mínimos quadrados, conforme Gujarati (2000).

Fonte: MDIC/SECEX (2007) Parâmetros NCM-0207.12.00 (Frango Inteiro Congelado), 0207.14.00 (Frango em Peçaços Congelados) e 1602.32.00 (Preparações Alimentícias e Conservas).

sorregião oeste do Paraná, e a partir de então identificaram-se as empresas abatedoras de frango instaladas na região, bem como o tipo de habilitação que cada empresa apresenta para a exportação de seus produtos, quer seja de frango inteiro, em pedaços ou industrializados.

Segundo o SIGSIF, do MAPA⁶, a mesorregião oeste do Paraná apresenta sete frigoríficos (abatedouros de frango) instalados na região. Neste trabalho eles foram denominados de Empresa A (SIF 1672), Empresa B (SIF 0516), Empresa C (SIF 0797), Empresa D (SIF 0716), Empresa E (SIF 4444), Empresa F (SIF 3887) e Empresa G (SIF 3300), que, juntas, representam cerca de 26% da capacidade produtiva do estado.

De acordo com França (2005), as habilitações podem ser divididas em: Lista geral⁷, formada por países que não possuem modelo

específico de Certificado internacional, porém possuem acordo comercial e sanitário com o Brasil para exportar produtos de origem animal; Lista especial⁸, formada por países que não pertencem à Comunidade Europeia, mas possuem algum modelo específico de Certificado internacional para exportar produtos de origem animal e vegetal; e a Lista da Comunidade Europeia⁹, em que a empresa deve estar de acordo com as exigências para exportar para a União Européia.

Quanto às empresas instaladas na região, verifica-se que todas possuem algum tipo de habilitação para exportar carne de frango (Tabela 7). Para as exportações de frango inteiro e

⁶MAPA - SIGSIF - Sistema de Informação do Serviço de inspeção federal (serviço disponibilizado pelo ministério da agricultura em site institucional).

⁷Lista geral (empresa habilitada para exportar produtos derivados de animal para: Albânia, Angola, Bahrain, Cabo Verde, Caribe, Catar, Congo, Emirados Árabes, Gabão, Gâmbia, Gana, Geórgia, Haiti, Irã, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Malvinas, Marrocos, Moldávia, Omã, Senegal, Somália, Suriname, Iêmen e República Armênia. (MAPA 2004, apud FRANÇA, 2006).

⁸Lista especial - empresa habilitada para exportar produtos derivados de animal para: África do Sul, Arábia Saudita, Argélia, Argentina, Bulgária, Canadá, Chile, China, Cingapura, Cuba, EUA, Rússia, Filipinas, Hong Kong, Japão, Kosovo, Macedônia, Nova Caledônia, Paraguai, Peru, Belarus, Romênia, Suíça, Tchecoslováquia, Ucrânia, Uruguai, Uzbequistão, Coréia do Sul e Ilhas Maurício. (MAPA 2004, apud FRANÇA, 2006).

⁹Lista da Comunidade Européia - empresa habilitada para exportar produtos derivados de animal para: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Portugal, Suécia, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia, República Tcheca, Ilhas Reunidas, Irlanda do Norte, País de Gales e Escócia. (MAPA 2004, apud FRANÇA, 2006).

TABELA 7 - Relação dos Frigoríficos da Mesorregião Oeste do Paraná e as suas Respectivas Habilitações para Exportar¹, por Tipo de Produto²

N. SIF	1			2			3			4			5			6			7			8			
	UE	HE	G																						
1672	-	13	1	-	13	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
0516	1	31	1	1	28	1	-	2	-	1	5	-	1	-	-	1	-	-	-	3	1	-	1	-	-
0797	1	24	1	1	03	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4444	1	28	1	1	24	1	1	11	1	1	8	1	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
0716	1	29	1	1	27	1	1	12	1	1	6	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-
3887	1	30	1	1	17	1	-	03	-	1	4	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3300	1	27	1	1	24	1	1	08	1	1	4	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

¹É considerada na tabela como um único país destino, pois não possui exigências específicas para exportar. 1672 - Empresa A; 0516 - Empresa B; 0797 - Empresa C; 4444 - Empresa D; 0716 - Empresa E; 3887 - Empresa F; 3300 - Empresa G. UE - União Europeia; HE - Habilitação especial (específica para países com exigências específicas); e G - Lista geral (total de 17 países).

²1 Carne de aves *in natura* (Frango inteiro e cortes).

2 Miúdos de aves *in natura*.

3 Produto à base de carne de aves (industrializados/empanados para a UE).

4 Outros produtos à base de carne (salgados/ingredientes/temperados - para a UE).

5 Matéria-prima para fins opoterápicos e laboratórios para União Européia.

6 Matéria-prima para ração animal (*pet food*) para UE.

7 Produtos industrializados / empanados para outros países, exceto UE.

8 Produtos salgados (temperados) para outros países, exceto UE.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados do MAPA (2007).

cortes, ou seja, *in natura*¹⁰ todas possuem habilitação, o que também ocorre com a exportação de carne de frango em “miúdos¹¹”, pois todas as empresas têm habilitação.

Em relação aos produtos “industrializados¹²” ou “empanados”, três empresas possuem habilitação para exportar seus produtos à União Européia, (SIF 4444, 0716, e 3300). O restante das empresas exporta para países que necessitam de habilitações especiais e/ou lista geral. Quanto às empresas habilitadas para exportação de produtos “salgados¹³”, quatro empresas são habilitadas para a União Européia, (SIF 0516, 0797, 4444, 3300), e o restante destina-se para países com habilitações especiais e/ou lista geral.

Para produtos destinados a “laboratórios¹⁴” e para indústria “*pet food*”¹⁵, cinco empre-

sas são exportadoras para a União Europeia (SIF 0516, 4444, 0716, 3887 e 3300), exceto uma empresa que exporta produtos de Laboratórios para outro destino (SIF 0797, para a Argentina).

Verifica-se que todos os frigoríficos possuem habilitação para exportar seus produtos, contudo, a grande maioria exporta frango inteiro e em pedaços, sendo que menos da metade dos frigoríficos existentes possui habilitação para exportação de produtos industrializados, seja empanados, salgados, temperados, entre outros (Tabela 7).

3.2 - Principais Países que demandam Carne de Frango “Inteiro” em “Pedaços” e “Industrializados”

Constata-se uma forte tendência na diversificação do *mix* de produtos brasileiros de carne de frango a serem exportados, já que a demanda não é somente por carne de frango inteiro, mas também em pedaços e industrializados. No ano de 1996, embarcou-se frango inteiro para 38 países, já em 2006 exportou-se o produto para 113 países, um crescimento de 197%.

Os dez maiores importadores de carne de frango inteiro do Brasil de 1996 e 2006, de

¹⁰Frango inteiro ou em cortes sem miúdos.

¹¹Miúdos (coração, moela e outros).

¹²Produto que possui um processamento além do abate, empanados e outros.

¹³Partes ou inteiro salgado dentro dos padrões exigidos pelo mercado europeu.

¹⁴Partes específicas do frango para uso de laboratório (ex: cartilagem).

¹⁵Matéria-prima para fabricação de ração animal, ex: fígado de aves.

acordo com a classificação em relação à participação do volume embarcado, país, continente ou bloco econômico, estão na tabela 8.

Em 2006, cinco países que importavam carne de frango brasileira em 1996 deixaram de importar sendo: Argentina, Irlanda, República Tcheca, Macau e Tunísia. Ressalta-se que a pesquisa não teve o objetivo de levantar as razões desses países saírem da pauta das exportações brasileiras de carne de frango.

Considerando-se a evolução de 1996 para 2006, 17 destes países reduziram suas importações, como é o caso da Arábia Saudita com 52,75% em 1996 para 29,09% em 2006, Cingapura com 3,86% para 1,81% e Catar 3,42% para 2,70%. Em contrapartida, 14 países aumentaram as importações como: Emirados Árabes Unidos com 5,13% em 1996 para 10,68% em 2006, Omã com 1,93% para 2,85%, África do Sul com 0,10% para 3,25%. O destaque em 2006 foi a Venezuela de zero para 12,29% com início das importações do produto em 2003.

A evolução dos países que importaram carne de frango brasileira em pedaços, comparando o ano de 1996 com 2006, destaca a forte redu-

ção na participação do Japão, de 23,05% (Tabela 9). Entretanto, ele ainda mantém-se em 1º lugar na importação de frango em pedaços do Brasil, já o 2º lugar é de Hong Kong, que manteve seu percentual de participação quase inalterado.

Outro fator importante que pode ser verificado é a diminuição na participação de demanda por frango em pedaços pelos países europeus, como Alemanha, Espanha e Reino Unido, passando a demandar maior percentual pelo produto industrializado.

Com relação aos importadores da carne de frango brasileira industrializada, ocorreu uma forte elevação na demanda por produtos industrializados, principalmente no que se refere aos países membros da Comunidade Europeia, que juntos representam cerca de 84,28%, merecendo destaque a Holanda, que sozinha representa cerca de 45% (Tabela 10).

Dessa forma, a partir das análises, observa-se que a maioria dos abatedouros de frango instalados na mesorregião oeste do Paraná possui habilitação para exportação de frango o inteiro e cortes (pedaços), com exceção de mercados em franco crescimento, uma vez que algumas plan-

TABELA 8 - Participação dos Importadores de Carne de Frango Inteiro do Brasil, 1996 a 2006¹

País continente e/ou bloco	1996		2000		Certificação/habilitação (frango inteiro)						
	Classi- ficação	%	Classi- ficação	%	1672	0516	0797	4444	0716	3887	3300
Oriente Médio											
Arábia Saudita	1º	52,75	1º	29,09	S	S	S	S	S	S	S
Coivete	2º	8,60	4º	8,67	S	S	S	S	S	S	S
Emirados Árabes Unidos	4º	5,13	3º	10,67	S	S	S	S	S	S	S
Catar	7º	3,42	10º	2,70	S	S	S	S	S	S	S
Irã, República Islâmica	8º	2,98	29º	0,20	S	S	S	S	S	S	S
Bahrein	9º	2,09	13º	1,09	S	S	S	S	S	S	S
Omã	10º	1,93	9º	2,85	S	S	S	S	S	S	S
Iêmen	0º	0,00	5º	6,03	S	S	S	S	S	S	S
Mercado Comum do Sul											
Argentina	3º	6,27	114º	0,00	S	S	S	S	S	S	S
Europa Ocidental											
Rússia, Federação da	5º	4,83	7º	4,94	S	S	N	S	S	S	N
Ásia (exclusive Oriente Médio)											
Cingapura	6º	3,85	12º	1,81	N	S	N	N	S	N	N
América Latina e Caribe											
Venezuela	39º	0,00	2º	12,29	S	S	S	S	S	S	S
África (exclusive Oriente Médio)											
Egito	41º	0,00	6º	5,01	S	S	S	S	S	S	S
África do Sul	20º	0,10	8º	3,25	N	N	N	N	N	N	N
Total		91,95		89,41	-	-	-	-	-	-	-

¹N = o abatedouro não possui habilitação. S = o abatedouro é habilitado para exportar para o destino.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados obtidos do MDIC/SECEX (2007).

TABELA 9 - Participação dos Importadores de Carne de Frango em Pedacos do Brasil, 1996 a 2006¹

País continente e/ou bloco	1996		2006		Certificação/habilitação (frango inteiro)						
	Classi- ficação	%	Classi- ficação	%	1672	0516	0797	4444	0716	3887	3300
Ásia (exclusive Oriente Médio)											
Japão	1º	42,57	1º	19,52	S	S	S	S	S	S	S
Hong Kong	2º	18,70	2º	17,59	S	S	S	S	S	S	S
União Europeia (EU)											
Alemanha	3º	8,12	9º	2,98	N	S	S	S	S	S	S
Espanha	4º	5,62	15º	1,27	N	S	S	S	S	S	S
Reino Unido	6º	2,78	13º	1,51	N	S	S	S	S	S	S
Países Baixos (Holanda)	7º	2,65	5º	6,29	N	S	S	S	S	S	S
Itália	10º	1,71	65º	0,06	S	S	S	S	S	S	S
Romênia	30º	0,03	8º	3,46	N	S	S	S	S	S	S
Oriente Médio											
Arábia Saudita	8º	2,47	6º	3,83	S	S	S	S	S	S	S
Emirados Árabes Unidos	13º	1,16	10º	2,73	S	S	S	S	S	S	S
Mercado Comum do Sul (Mercosul)											
Argentina	9º	2,25	45º	0,13	S	S	S	S	S	S	S
Europa Oriental											
Rússia, Federação da	22º	0,22	4º	8,26	S	S	N	S	S	S	N
Ásia (exclusive Oriente Médio)											
Cingapura	5º	3,63	7º	3,48	N	S	N	N	S	N	N
(exclusive Oriente Médio)											
África do Sul	16º	0,77	3º	10,01	N	N	N	N	N	N	N
Total		92,68		81,12							

¹N = o abatedouro não possui habilitação. S = o abatedouro é habilitado para exportar para o destino.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados obtidos na MDIC/SECEX (2007).

TABELA 10 - Participação dos Importadores de "Carne de Frango Industrializada", Brasil, 1996 a 2006¹

País continente e/ou bloco	1996		2006		Certificação/habilitação (frango inteiro)						
	Classifi- cação	%	Classi- ficação	%	1672	0516	0797	4444	0716	3887	3300
União Europeia (UE)											
Reino Unido	1º	53,47	3º	9,04	N	N	N	S	S	N	S
Alemanha	4º	6,83	2º	24,82	N	N	N	S	S	N	S
Países Baixos (Holanda)	17º	0,00	1º	45,55	N	N	N	S	S	N	S
Espanha	18º	0,00	6º	1,68	N	N	N	S	S	N	S
França	21º	0,00	7º	1,21	N	N	N	S	S	N	S
Portugal	22º	0,00	8º	1,09	N	N	N	S	S	N	S
Irlanda	20º	0,00	10º	0,89	N	N	N	S	S	N	S
Oriente Médio											
Arábia Saudita	10º	1,16	12º	0,74	N	N	N	S	S	N	S
Coivete	8º	2,74	5º	2,06	N	N	N	S	S	N	S
Emirados Árabes Unidos											
Catar	5º	6,67	13º	0,64	N	N	N	S	S	N	S
Bahrein	3º	7,33	16º	0,52	N	N	N	S	S	N	S
Omã	9º	1,65	17º	0,57	N	N	N	S	S	N	S
Mercado Comum do Sul (Mercosul)											
Uruguai			23º	0,34	N	N	N	S	S	N	N
Europa Oriental											
Rússia Federação da	11º	0,90	4º	3,19	N	N	N	S	S	N	N
Ásia (exclusive Oriente Médio)											
Japão	7º	3,04	20º	0,38	N	N	N	S	N	N	N
Total		99,44		93,72							

¹N = o abatedouro não possui habilitação. S = o abatedouro é habilitado para exportar para o destino.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados obtidos do MDIC/SECEX (2007).

tas não possuem ainda certificação para tais países, como é o caso da Rússia, Cingapura e África do Sul.

Outro fator a ser destacado é a forte tendência na diversificação no perfil das exportações de carne de frango, uma vez que a variação na demanda por parte do produto com maior valor agregado, como frango em pedaços e industrializados, vem sendo superior à demanda pelo frango inteiro, causando, por consequência, uma pulverização de mercados, já que o número de países que demandam este produto aumentou em grande proporção.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se a partir da pesquisa realizada uma grande evolução na cadeia produtiva de frango brasileira. Esse cenário positivo é resultado da boa articulação dos agentes envolvidos, principalmente àqueles que estão direcionando sua produção para novos mercados e à exportação de carne de frango com maior valor agregado, seja o frango em pedaços ou industrializado, os quais obtiveram maior crescimento em relação às exportações brasileiras no período analisado.

Um aspecto significativo foi o aumento das exportações paranaenses, que cresceram a uma taxa de 22,2% a.a., superior à taxa nacional de 18,6% a.a. Constatou-se o forte desempenho da mesorregião Oeste do Paraná, o que contribuiu para o bom resultado da exportação paranaense. Segundo o SINDIAVIPAR citado por IPARDES (2007), em 2002, o abate de frango nesta região representava aproximadamente 33% do abate do Estado.

A forte tendência na diversificação no perfil das exportações de carne de frango também tem mostrado uma mudança na demanda pelo produto, como frango em pedaços e industrializados, causando por consequência, uma pulverização de mercados já que o número de países que demandam o produto aumentou em grande proporção.

Quanto às empresas abatedoras de frango da mesorregião Oeste do Paraná, verifica-se que a grande maioria está habilitada para exportar o frango inteiro (*in natura*), sendo que a demanda deste produto diversificou destinos (países) em 197%, no período analisado. Percebe-se que as exportações de frango inteiro estão sendo

direcionadas aos novos mercados, tais como os continentes Asiáticos e Africanos, caso de países como a África do Sul, Egito e Angola, além de países da própria América Latina, como Venezuela e outros países com características de países em desenvolvimento.

A maioria das empresas possui habilitações para exportação de frango em cortes (pedaços), com exceção dos mercados em franco crescimento, como é o caso da Rússia, Cingapura e África do Sul.

Da mesma forma, constatou-se que a demanda por frango em pedaços acompanhou o crescimento do frango inteiro, devido à proximidade das especificidades dos produtos, pois para se obter um produto "corte", é necessário processar (cortar o frango) em pedaços, a aprovação é similar ao frango inteiro junto ao Ministério da Agricultura. De igual forma, esse produto fica destacado pela preferência crescente em países como África do Sul, Rússia, Arábia Saudita, Japão e Romênia. De forma diferenciada do frango inteiro, o frango em cortes (pedaços) brasileiro é preferido por diferentes mercados, exceto a União Europeia.

Contudo, apesar do alto crescimento deste setor, somente o Estado do Paraná obteve crescimento de 43% a.a no período de 10 anos, o que se constata na pesquisa é que dentre as empresas analisadas nem todas estão habilitadas para exportar produtos industrializados. Dentre a amostra, apenas 3 das empresas (SIF 4444, SIF 0716 e SIF 3300) possuem habilitação para exportar para os destinos que apresentam crescimento, ou seja, para países de maioria do bloco europeu, onde esse tipo de produto (industrializado) está sendo mais aceito. Em 1996 cerca de 20 países compravam este tipo de produto do Brasil, já em 2006 o produto passou a ser comprado por 77 países, um crescimento de 285%. Cabe ressaltar ainda que foram os países mais ricos que apresentaram preferência por esse tipo de produto, tais como os países da União Europeia - Alemanha, Espanha, França, Portugal e Irlanda.

Verifica-se, ainda, que há uma tendência crescente por frango inteiro ou em pedaços por países em desenvolvimento ou populosos, que antes não tinham significância quanto ao volume de produtos exportados. Ademais, para os produtos industrializados cabe evidenciar que existe um crescimento considerável, mas o consumo está sendo direcionado para países desenvolvidos, como é o caso dos países da União

Europeia, como já mencionado.

Dessa maneira, o que se pode concluir a partir da pesquisa é que as empresas devem se preparar estrategicamente para atender às diversas demandas, que podem vir de novos mercados dos países em desenvolvimento, com produtos tradicionais com pouca agregação de valor, e ainda de novas demandas por produtos industrializados dos países ricos. A competitividade das exportações depende, sem dúvida, da inovação no sentido de agregar valor no longo prazo, esta é a estratégia para deslocar competidores no mercado de *commodities*, tal como o de frango inteiro. Tal posicionamento, no longo prazo, pode aumentar as divisas ao País, e, ao mesmo tempo, gerar mais emprego e renda aos agentes econômicos envolvidos nesta cadeia

produtiva.

Entretanto, como limitações do estudo, é válido evidenciar que este trabalho foi realizado com um corte até 2006, e que as habilitações no sistema de informações do Ministério Agricultura, Pecuária e Abastecimento são constantemente atualizadas. Outra limitação é a falta de informações abertas ao público (acesso ao sistema) no que diz respeito às habilitações e à dificuldade em conseguir uma relação atualizada de países que fazem parte da Lista geral, Especial ou União Europeia.

Finalmente, sugere-se que novos estudos enfoquem aspectos ainda mais específicos do setor em relação às novas e constantes necessidades do mercado consumidor e seus reflexos na cadeia produtiva do frango.

LITERATURA CITADA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES E EXPORTADORES DE FRANGO - ABEF. Disponível em: <<http://www.abef.com.br>>. Acesso em: 15 jul. 2007.

_____. **Relatório anual 2007/2008**. Disponível em: <<http://www.abef.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

CÂMARA, M. R. G.; NAKAZATO, R. Estratégias competitivas inovadoras em empresas do sistema agroindustrial de frangos no Paraná. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 23-34, set. 2001.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 3. ed. Campinas: Papius, 1995.

DALMÁS, S. R. S. P.; STADUTO, J. A. R.; WILLERS, E. M. A identificação de cluster na atividade de abate de frangos na Mesorregião Oeste do Paraná. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45., 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, jul. 2007. CD ROM.

DONDA JÚNIOR, A. **Fatores influentes no processo de escolha da localização agroindustrial no Paraná**: estudo de caso de uma agroindústria de aves. 2002. 141 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FERRAZ, J. C.; KUPFER, D.; HAGUENAUER, L. **Made in Brazil**: desafios competitivos para a indústria. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FRANÇA, J. M. Adequações dos programas de garantia de qualidade ao processamento de carnes de frango para mercados importadores. Seminário Internacional de Aves e Suínos, 5., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: AveSui, 2005.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES. **Leituras regionais**: microrregião geográfica oeste paranaense. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2003.

_____. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria de Comércio Exterior - MDIC/SECEX. **Sistema de análise das informações de comércio exterior (ALICE)**. Disponível em: <<http://alice-web.desenvolvimento.gov.br/default.asp>>. Acesso em: 15 jul. 2007.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - MAPA. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 14 Dez. 2007.

MATOS, V. A.; SANTOS JÚNIOR, W. L. A avicultura brasileira e suas articulações: uma análise do desenvolvimento dos negócios a partir das alianças estratégicas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 22. Foz do Iguaçu, 1998. **Anais...** Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998.

PAULA, S. R. L.; FAVERET FILHO, P. Exportações de carne de frango. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 93-108, mar. 2003.

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva: técnicas para a análise de indústrias e da concorrência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SILVA, C. L. **Competitividade na cadeia de valor: um modelo econômico para tomada de decisão empresarial**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2007.

SORJ, B.; POMPERMAYER, M. J.; CORADINI, O. L. **Camponeses e agroindústria: transformação social e representação política na avicultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

UNIÃO BRASILEIRA DE AVICULTURA - UBA. **Relatório Anual 2008**. Disponível em: <<http://www.uba.org.br>>. Acesso em: 31 maio 2009.

VIEIRA JÚNIOR, P. A.; LIMA, D. de; BELIK, W. Agentes e instituições da cadeia produtiva do frango de corte. In: Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural, 7, Quito, Equador, 2006. **Anais eletrônicos...** Buenos Aires: ALASRU, 2006. Disponível em: <<http://www.alasru.org>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

EXPORTAÇÕES E HABILITAÇÕES DE CARNE DE FRANGO AO MERCADO INTERNACIONAL: um estudo da mesorregião oeste do Estado do Paraná

RESUMO: *Este artigo investiga se a cadeia produtiva de carne de frango da mesorregião Oeste do Estado do Paraná tem conseguido atender à demanda por produtos com maior valor agregado, ou seja, frango em pedaços ou industrializado, no período 1996 a 2006. Os resultados evidenciam que a maior parte das empresas está habilitada a exportar carne de frango in natura e em pedaços, contudo, poucas estão habilitadas para exportar carne de frango industrializada. Sendo assim, é necessário pensar em alternativas para se industrializar o produto antes de exportá-lo, uma vez que esse tipo de exportação foi o que mais cresceu no período pesquisado.*

Palavras-chave: *cadeia produtiva de frango, habilitações, oeste do Estado do Paraná.*

CHICKEN MEAT EXPORTS AND LICENSES FOR THE GLOBAL MARKET

ABSTRACT: *This paper investigates whether the chicken meat supply chain from western Paraná State met the demand for higher-added value products, i.e., processed chicken or chicken cuts over the 1996-2006 period. The results show that although most companies are licensed to export in-natura chicken meat and chicken cuts, few are able to export processed chicken meat. Therefore, it is necessary to consider ways of having the products processed before exporting them, since this type of export was the one that showed the largest growth in the period analyzed.*

Key-words: *exports, chicken supply chain, licenses, western Paraná State.*

Recebido em 19/11/2009. Liberado para publicação em 17/05/2010.